

**AUTORES:**Roberto Ferreira dos Santos <sup>1</sup>Mauricio Murad <sup>1</sup>Carlos Alberto da Silva <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Salgado de Oliveira,  
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

<https://doi.org/10.5628/rpcd.13.01.73>

**Futebol, violência  
e arbitragem:**

Um olho nas pesquisas  
e o outro na copa do mundo  
de 2010.

**PALAVRAS CHAVE:**

Futebol. Arbitragem. Violência.

**RESUMO**

O objetivo deste trabalho foi elaborar uma reflexão comparativa entre a literatura nacional e a internacional no que diz respeito às pesquisas envolvendo arbitragem no futebol e manifestações de violência. Além disso, procuramos observar a Copa do Mundo de 2010 com o intuito de exemplificar com uma competição emblemática. Quatro perguntas tentaram orientar nossas reflexões: (1) Quais as tensões que contribuem ainda hoje para que ocorrências violentas aconteçam nas “quatro linhas” do futebol? (2) Será que a falibilidade da arbitragem no futebol é uma questão cultural, ou é humana e neste caso apresenta aspectos universais? (3) As pesquisas estão relacionadas com a realidade concreta ou não? (4) Para onde apontam as tendências das pesquisas? Destacamos duas conclusões entre outras: (a) os erros apontados pelas pesquisas nos sugerem que os mesmos apresentam características universais. Ou seja, tanto ocorrem em competições nacionais, como em competições internacionais; (b) é possível inferir que as pesquisas apontam para a busca de uma metodologia híbrida que mescle a abordagem quantitativa com a qualitativa no sentido de minimizar interpretações irreais.

Correspondência: Roberto Ferreira dos Santos. Rua Tirol 450 apto 1104. Freguesia-Jacarepaguá.  
CEP.22750-009. Rio de Janeiro (rob.fersantos@oi.com.br).

Football, violence and refereeing:  
One eye on research  
and the other in the World Cup 2010.

**ABSTRACT**

---

The main purpose of this study was to elaborate a comparative reflection between the national and international literature with regard to research involving refereeing in football and manifestations of violence. Moreover, we observe the 2010 World Cup in order to illustrate with a flagship competition. Four questions sought to guide our reflections: (1) what are the tensions that still contribute to violent incidents happen in the "four lines" of football? (2) Does the fallibility of refereeing in football is a cultural issue, or is human and universal aspects presented in this case? (3) The research is related to reality or not? (4) For where point the trends of research? We highlight two conclusions among others: (a) the errors identified by the research suggest to us that they have universal characteristics. That is, both occurring in national competitions, as in international competitions, (b) we can infer that the polls point to search for a hybrid approach that merges the quantitative approach with qualitative in order to minimize unrealistic interpretations.

**KEY WORDS:**

Football. Refereeing. Violence.

Em 2008, um dos fatos que ganhou destaque no noticiário internacional sobre futebol, foi a lesão sofrida pelo jogador brasileiro, naturalizado croata, Eduardo Silva, do Arsenal, que teve dupla fratura da fíbula, ao sofrer entrada violenta do zagueiro Martin Taylor, do Birmingham. As imagens impressionaram pela violência e pela possibilidade, inclusive, de amputação da perna do jogador. A lesão determinou a paralisação por nove meses do atleta, enquanto o zagueiro inglês foi punido por três jogos. A falta ocorreu aos 3 minutos de jogo e nenhum grande embate havia ocorrido entre os jogadores.

Enérgica foi a declaração do presidente da FIFA, ao declarar que esse tipo de violência deveria ser tratado como crime. Afirmou que os jogadores que recorrem a esse tipo de expediente deveriam ser excluídos do futebol. Fazendo reflexões sobre a busca desenfreada pela vitória, hoje existente na modalidade, atribuiu grande parte da culpa aos treinadores, “que encorajam seus jogadores a buscar a vitória a qualquer preço”<sup>(4)</sup>.

Entretanto, quando utilizamos a abordagem histórica para tentar entender o fenômeno, verificamos que esse tipo de ocorrência não é recente, embora nos últimos anos tenha aumentado a sua frequência. Se tomarmos, por exemplo, o futebol carioca da década de 1950, podemos ver que o atleta Didi, jogando pelo Fluminense, no primeiro jogo da ‘melhor de três’ na decisão do campeonato carioca de 1951, também quebrou a perna do defensor do Bangu, o jogador Mendonça. Observando a descrição do *Jornal dos Esportes*<sup>(25)</sup> encontramos a declaração do árbitro da partida, Mario Vianna, em relação àquilo que ele colocou na súmula, ou seja, não ter percebido intenção do atleta do Fluminense em provocar aquele tipo de lesão no seu oponente. Ao procurarmos na edição do jornal mais detalhes sobre o acontecimento, encontramos uma avaliação e interpretação da partida, realizada por Mário Filho, na qual o jornalista afirma que sequer o árbitro marcou falta no lance que provocou a lesão. Ou seja, apesar da gravidade o árbitro “fez vista grossa” e não penalizou o infrator, como forma de coibir a violência na partida.

Na sequência da interpretação do jogo, Mario Filho relata que mesmo sendo um árbitro reconhecidamente disciplinador, talvez, Mario Vianna tenha se sentido mal com essa falha e acabou permitindo que outras faltas violentas fossem cometidas, comprometendo o bom andamento da partida. Jogadores foram expulsos e o jogo foi considerado uma batalha. O título que Mario Filho escolheu para sua coluna foi “O Match que Bangu e Fluminense ficaram devendo à cidade”<sup>(25)</sup>. O resultado dessa partida foi Fluminense 1x0 Bangu.

Resumindo, se compararmos o exemplo do futebol carioca de 1951 com o futebol inglês de 2008, e, provavelmente, o futebol praticado em outras culturas, podemos dizer que ainda não fomos capazes de eliminar esse tipo de manifestação de violência, apesar, de todo o desenvolvimento desse esporte.

Sabemos que existem alguns trabalhos que realizaram reflexões sobre a violência no futebol <sup>(3, 6, 9, 10, 11-14, 16, 17, 21-24, 28-32, 34, 35)</sup>. Entretanto, gostaríamos de aprofundar a análise da violência e sua relação com o modelo de arbitragem atual, observando este viés, porque acreditamos que por aí o tema ainda não foi esgotado permitindo, assim, outras reflexões.

## **OBJECTIVO**

---

O objetivo deste trabalho é elaborar uma reflexão comparativa entre a literatura nacional e a internacional, no que diz respeito às pesquisas envolvendo arbitragem no futebol e manifestações de violência em campo. Além disso, procuramos observar a Copa do Mundo de 2010, com o intuito de, a partir de nossa temática, exemplificar com uma competição emblemática. Quatro perguntas tentam orientar nossas reflexões: (1) Quais as tensões que contribuem ainda hoje para que ocorrências violentas aconteçam nas “quatro linhas” do futebol? (2) Será que a falibilidade da arbitragem no futebol é uma questão cultural, ou é humana e neste caso apresenta aspectos universais? (3) As pesquisas estão relacionadas com a realidade concreta ou não? (4) Para onde apontam as tendências das pesquisas?

## **METODOLOGIA**

---

Para tanto, vamos analisar e procurar dialogar com alguns artigos específicos que discutem a questão da arbitragem como um dos aspectos centrais no desenvolvimento de uma partida de futebol, e apresentam uma abordagem diferente, daquela que, de um modo geral, estamos acostumados a encontrar na literatura acadêmica brasileira, e mesmo na portuguesa. Além disso, aproveitando que a Copa do Mundo de 2010 foi realizada recentemente, tentaremos cotejar nossas argumentações com observações sobre casos que foram retratados na mídia pela discussão que provocaram.

O diálogo com pesquisas realizadas em outras culturas justifica-se pela possibilidade de comparação e observação das tendências existentes. Essas pesquisas se tornam mais importantes na medida em que em alguns periódicos especializados, não encontramos nenhuma publicação que discuta a arbitragem. Este é o caso da *International Review for Sociology of Sport*, que nos últimos 11 anos não publicou um artigo sequer que discuta o assunto. Foram observados ao todo 339 resumos de artigos. Igualmente, na *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto* entre 2001 e 2010, num total de 322 resumos consultados, não encontramos nenhum artigo científico sobre o tema. Em periódicos nacionais essa temática, ao que parece, também é negligenciada. Na revista *Movimento*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul entre 2005 e 2010 totalizando 342 resumos, nenhum artigo foi encontrado. Na revista *Motriz*, seguindo a mesma tendência dos periódicos mencionados anteriormente, entre 2003 e 2010, observando 391 resumos, o resul-

tado foi o mesmo. Na revista do *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*, nos últimos 11 anos, envolvendo 374 resumos da revista encontramos somente 1 artigo que discute a arbitragem e sua relação com as práticas de violência dentro das “quatro linhas”.

Procuramos observar as revistas acima citadas porque, tentando adotar uma metodologia inovadora, partimos da hipótese que autores brasileiros e portugueses poderiam e deveriam publicar nessas revistas por seu grau de excelência e nível de representatividade. Entretanto, essa não é a realidade, porque o universo que descrevemos acima totaliza 1764 resumos de artigos e somente encontramos 1 que se aprofunda na discussão que ora pretendemos contribuir. O outro artigo encontrado e utilizado nas discussões foi publicado numa revista com o escopo da Sociologia. Nesse sentido, podemos afirmar que cobrimos um universo altamente significativo de publicações, tanto na dimensão quantitativa quanto na qualitativa, fato que nos incentiva a seguir no trabalho.

### **OBSERVANDO AS PESQUISAS**

Mason e Lowell <sup>(20)</sup> procuraram analisar as atitudes, expectativas e demandas dos árbitros ingleses sob vários aspectos, dentre os quais destacaram o físico e o mental. Treze árbitros da principal liga do futebol inglês (*Premier League*) responderam a um questionário com 38 questões abertas e fechadas que envolviam os seguintes indicadores: condição física, preparação mental, experiências violentas dos árbitros, comportamentos da torcida para com o árbitro, objetivos e expectativas dos árbitros e demografia. Foi realizado anteriormente um estudo piloto, que orientou a elaboração final do referido questionário.

O resultado da amostragem apontou algumas diferenças no que diz respeito à utilização da tecnologia como auxílio à arbitragem, assim como também ao papel da arbitragem totalmente profissionalizada. Sobre a utilização do vídeo, 46% da amostra temiam que essa estratégia pudesse reduzir o fluxo normal de um jogo, ocasionando atrasos desnecessários. Entretanto, um percentual significativo, 31% via com bons olhos a utilização da ferramenta somente nas questões que de fato pudessem definir se um gol aconteceu ou não, isto é, se a bola entrou ou não. Como sugestão para minimizar os erros, os árbitros indicaram que o vídeo fosse usado em algumas situações experimentalmente.

Segundo os autores <sup>(20)</sup>, o contexto revelou existir uma abertura no ambiente dos árbitros, para que novas tecnologias sejam testadas, visando auxiliar o papel do árbitro, sem comprometer a atração e a dinâmica do jogo. A preparação mental foi considerada reconhecidamente difícil, importante, mas não existiu consenso quanto ao fato de recorrerem à ajuda de um psicólogo. Sessenta e dois por cento dos árbitros entrevistados afirmaram categoricamente que preparação mental é fundamental para prevenir o medo do fracasso e assim evitar arbitragens ruins. Os autores destacaram que, devido à falta de pesquisas sobre a questão da arbitragem e violências, inclusive aquelas ocorridas contra os árbitros, a realização opera-

cional da investigação ficou mais complexa e um pouco dificultada. Entretanto, os dados que proporcionaram as discussões sugerem outras formas de pesquisa e apontam para novos estudos, que poderão contribuir para o aprimoramento da arbitragem inglesa.

Andersen, Engebretsen e Bahr <sup>(1)</sup> em pesquisa quantitativa utilizaram análise de vídeo de 174 jogos (total de 256 horas analisadas) dos 182 do Campeonato norueguês de 2000. Os vídeos foram revisados por um médico especialista e um especialista em análise de jogo. O critério para a determinação do que seria um incidente foi a existência de situações em que havia uma interrupção por mais de 15 segundos, com um jogador demonstrando sofrer dor por causa de contato físico ocorrido. Esse critério determinou a seleção de 406 incidentes ao longo do campeonato, que também foram comparados com um vídeo que é utilizado como método para descrever quais são os mecanismos de lesão no futebol profissional (FIA). Simultaneamente, um grupo de três árbitros do futebol norueguês realizou por meio de um vídeo editado, uma avaliação 'cega' das marcações dos árbitros com o intuito de verificar se havia consenso nas mesmas.

Dentre algumas conclusões, ao discutirem a violação das regras e a ocorrência de lesões nos jogadores, os autores verificaram que as marcações dos árbitros e a coerência nas arbitragens do futebol norueguês não contemplaram mais do que 30% das ocorrências de faltas e lesões. Em outras palavras, cerca de 70% das faltas cometidas, que provocam risco, sequer foram marcadas. Outro item interessante é que as lesões registradas foram consequência do contato físico entre dois jogadores, na disputa de uma jogada. Além disso, recorrendo a outras pesquisas, os autores afirmam que de 42% a 74% das lesões graves são resultados de choques entre jogadores, e que o risco de um jogador de futebol profissional é 1000 vezes maior que nas ocupações industriais.

Outra conclusão importante foi que, ao contabilizar o número de cartões amarelos e vermelhos aplicados na temporada, e relacioná-los com a ocorrência de situações de risco de lesões, ficou constatado que somente 10% dos cartões foram aplicados em situações de efetivo risco de lesões. Provavelmente, esse fato ocorre porque a grande maioria de outras faltas que levam à aplicação de cartões (amarelos) não estão relacionadas a comportamentos de risco físico. Por exemplo, um jogador pode ser penalizado com cartão por deixar o campo sem permissão do árbitro, situação que não ameaça fisicamente nenhum adversário.

Na parte final das conclusões do artigo, os autores afirmam que estão convencidos – esta a expressão utilizada no original – que as regras necessitam de um aprimoramento, para evitar lesões, apesar de que no atual estado das pesquisas não tenham mais dados para indicar quais são os tipos mais comuns de lesão causadas no futebol, como resultado do confronto físico excessivo. Em função disso, sugerem novos estudos e investigações de base científica, a fim de que se possa aprimorar a avaliação, a prevenção e a punição das faltas graves, corriqueiras num campo de futebol. Isto, logicamente, protege os atletas e ajuda a preservar o patrimônio dos clubes e os investimentos das marcas patrocinadoras.

Nas discussões das possibilidades de aprimoramento do trabalho de punição e prevenção dos árbitros, argumentam sobre a introdução de penalidades para evitar violências, por exemplo, como a possibilidade da aplicação de sanções tipo 10 minutos fora do jogo, para os atletas que praticarem atos infracionais de violência. Essa forma poderia dar temporariamente a vantagem ao time que sofreu a falta, mas também contribuiria para o 'esfriamento' do jogo, sem prejudicar a dimensão de espetáculo, tão valorizada no âmbito do futebol. É uma forma de penalidade que já existe em outras modalidades esportivas, como o handebol, por exemplo, com intuito de minimizar a violência e reduzir a impunidade - uma dimensão estrutural e histórica, no caso brasileiro.

Friman, Nyberg e Norlander <sup>(15)</sup> numa abordagem com o referencial psicológico analisaram as ameaças e as agressões sofridas por árbitros suecos em função de suas performances. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas feitas com 7 árbitros que atuavam em nível distrital e nacional, da província de Warmalnd, Suécia, selecionados randomicamente. Duas perguntas básicas orientaram a elaboração das entrevistas: (a) Como você vê as experiências de ser árbitro? (b) Quais sentimentos e pensamentos você tem quando está arbitrando? Os pesquisadores relacionaram 30 categorias descritas pelos árbitros. Três delas ressaltam parte do clima que os árbitros sentem: (1) Reações ao Estresse Mental; (2) Lidando com o Estresse Mental; e (3) Mulheres como árbitras.

Entre outras conclusões os autores destacaram que as ameaças sofridas pelos árbitros podem comprometer as suas atuações e concentração durante as partidas. Em uma das categorias relatadas pelos árbitros – erros cometidos – ficou claro que os jogadores percebem quando o árbitro não acompanha a jogada e em função dessa deficiência cometem erros porque perdem a precisão, os detalhes. Esse fato é gerador de tensão entre os mesmos, os atores do espetáculo, principalmente, quando os erros se referem aos momentos importantes do jogo, nos quais os jogadores se sentem prejudicados.

Além disso, os árbitros também afirmam que quando uma partida começa a ser arbitrada com erros, provavelmente toda ou quase toda a partida não será bem arbitrada. Uma das questões que podem contribuir para uma arbitragem ruim é a exigência profissional de participarem de muitas partidas em um curto período, sem o tempo necessário, para o descanso e para os treinamentos. Para os árbitros o estresse motivado pelo cansaço é uma causa determinante de performances ruins.

Ao discutir a reação dos árbitros diante das ameaças e ofensas, os pesquisadores relataram que muitos perdem a confiança durante a partida determinando uma performance ruim. Sentimentos de insegurança, depressão e desejo de desistirem da profissão são relatados por alguns árbitros. Apesar de todas as situações descritas anteriormente, muito outros afirmam não se sentirem afetados pelas ameaças e ofensas. Na pesquisa realizada, nenhum árbitro sofreu agressão física. Os pesquisadores descreveram que os árbitros relataram que uma das formas de administrar a tensão durante a partida é estabelecer uma boa comunicação com os jogadores, no momento de assinalar as faltas.

Sobre a questão da mulher arbitrando ficou claro que os jogadores e espectadores têm dificuldade em aceitar a atuação das mesmas. Uma das ameaças sofridas pelas mulheres/árbitras foi a ofensa verbal. As ameaças e ofensas partem dos treinadores, jogadores e espectadores. Uma questão de gênero, sem dúvida.

Lane, Nevill, Ahmad, e Balmer <sup>(18)</sup> estudaram a qualidade das decisões dos árbitros por meio de pesquisa qualitativa, que procurou entender todos os fatores que contribuem para a boa qualidade do papel do árbitro. A metodologia utilizada foi a realização de entrevistas semi-estruturadas de 30-40 minutos com cinco árbitros experientes da Liga de Futebol Inglesa. Perguntas como *“Existem momentos em que é difícil decidir se houve ou não falta?”*; *“Você se preocupa em tomar uma decisão errada e impopular?”*; *“Que fatores mais te afetam quando isso ocorre?”* foram formuladas no sentido de entender quais as reações dos árbitros durante o clima estressante de uma partida. A análise de conteúdo determinou treze temas inter-relacionados que contribuem para uma boa decisão do árbitro: aspectos da torcida, precisão/ imprecisão, experiência, regras, opinião, concentração/ desconcentração, reação dos jogadores, controle, profissionalismo, personalidade, vida pessoal, fatores ambientais (clima do jogo) e interação com a torcida.

Ao observarmos a discussão elaborada pelos autores <sup>(18)</sup> sobre a categoria precisão/ imprecisão é destacado que apesar de existir, entre os árbitros, a convicção de que a maioria das decisões é correta, existe espaço para as imprecisões, e nesse caso a tecnologia poderia ajudar. Algumas vezes, os erros são relatados como bloqueios mentais e não situações de decisões lógicas. Nesta situação ao observarmos a descrição dos pesquisadores, percebemos que bloqueios mentais seriam àquelas decisões sobre jogadas óbvias e claras – por exemplo, uma marcação de um pênalti muito evidente – e que, no entanto, por um bloqueio mental o árbitro deixa de assinalar.

Nas conclusões, os autores <sup>(18)</sup> destacam que os árbitros manifestaram forte desejo de acertarem nas suas decisões e não cometeram erros. Entretanto, quando as falhas acontecem o estado de ansiedade e estresse se instala, prejudicando as arbitragens. Como consequência, foi sugerido aos árbitros *“aprenderem a conviver com o barulho das torcidas e tentarem manter a capacidade de concentração”*.

Simmons <sup>(33)</sup> num estudo quase-experimental entre sujeitos procurou analisar a reação dos jogadores de futebol à comunicação dos árbitros no momento de assinalar as faltas. A comunicação, descrita pelo pesquisador, estava relacionada a três variáveis independentes, a saber: o fato de o árbitro explicar ou não uma decisão tomada no calor do jogo, demonstrar raiva ou calma nesse momento e à idade do árbitro. Considerando que se tratava de uma pesquisa quase-experimental – os pesquisados não vivenciavam uma situação no jogo concretamente, de fato, era uma situação hipotética – ao jogador era pedido que se imaginasse sempre em um jogo, e quando confrontado com a marcação de uma falta, lhe era apresentado um diagrama que retratava as variáveis explicação/ ou não



explicação e raiva/ calma. A pesquisa foi realizada com 1861 jogadores em todo o mundo envolvendo os seguintes países: Austrália, Inglaterra, Malásia, Espanha e Singapura.

Como conclusão geral o autor <sup>(33)</sup> destaca que o estilo do árbitro de comunicar suas decisões influencia a percepção dos jogadores sobre a correção e justiça dos mesmos. Explicar a decisão teve um efeito positivo na percepção dos jogadores em relação ao comportamento do árbitro sobre justiça e correção, em todos os países, exceto na Malásia. A Inglaterra foi o país no qual a explicação das decisões foi mais positiva. A demonstração de raiva por parte dos árbitros teve um efeito negativo em todos os países, exceto em Singapura. O país no qual os jogadores reagiram mais violentamente à demonstração de raiva pelo árbitro foi a Malásia. Segundo os pesquisadores, considerando o ambiente altamente competitivo incerto do mundo do futebol, é recomendado que os árbitros deliberadamente demonstrem suas habilidades em conduzirem um ambiente de jogo justo, previsível e seguro.

Baldwin <sup>(2)</sup> utilizando uma abordagem qualitativa e quantitativa procurou entender o papel dos comentaristas e jornalistas esportivos no aumento de tensão e ansiedade nos árbitros esportivos australianos. A pesquisa tinha por objetivo principal entender a arbitragem envolvida em vários esportes e não somente no futebol. Segundo o autor, os dados encontrados sugerem que a mídia esportiva pode influenciar as decisões dos árbitros durante uma partida. Entretanto, o nível de influência está relacionado ao nível no qual o árbitro está atuando. A tendência é que quanto maior o nível de importância da competição, maior a possibilidade de influência da mídia em função da exposição da competição. Em outras palavras, a tensão já existe mesmo antes da partida gerando um estresse psicológico em todos os participantes.

Nas discussões da pesquisa ficou evidente para os pesquisadores que, atualmente, devido à alta tecnologia de transmissão das TVs, o papel do árbitro fica mais dissecado, observado e julgado, por milhares de pessoas e por especialistas (ex-árbitros), que fazem parte das equipes de comentaristas. Ou seja, os árbitros são analisados com mais severidade. Por outro lado, segundo os pesquisadores o nível de exigência mencionado anteriormente também coloca os árbitros numa posição de que não possam errar nunca. Posição essa, de fato, contrária à essência da própria arbitragem que, teoricamente deveria pressupor os “erros humanos”. Nesse aspecto, uma das questões que mais contribui para essa severidade é a possibilidade dos espectadores, técnicos e jogadores assistirem o *replay* de um erro, várias vezes quantas forem necessárias para dirimirem uma dúvida.

Um aspecto que sobressaiu na pesquisa foi a opinião de muitos jornalistas e comentaristas que fizeram uma crítica aos profissionais, segundo a qual eles próprios muitas vezes atuam, não como comentaristas isentos, mas como torcedores, dos seus times preferidos.

Nas conclusões da pesquisa os autores ressaltam a importância da arbitragem, de um modo geral, para o desenvolvimento dos esportes e para que as modalidades mantenham a sua integridade. Daí a responsabilidade dos comentários, das conclusões e principalmen-

te dos “julgamentos” tão conclusivos da mídia que carrega nas tintas pintando um árbitro, ou como muito bom ou ruim. Baldwin <sup>(2)</sup> chega ao ponto de afirmar que a tão propalada integridade da profissão de jornalista não se aplica aos repórteres esportivos. Apesar dessa forte e polêmica afirmação, o que o autor tenta demonstrar é a ambigüidade, emocionalidade e subjetividade do ambiente futebolístico envolvendo repórteres, comentaristas, jornalistas, jogadores e técnicos.

Para finalizar as conclusões da pesquisa os autores destacam que de um modo geral a mídia deveria ser mais cuidadosa nos comentários e publicações sobre os árbitros, que por sua vez, não podem ficar presos a esses comentários, e devem seguir arbitrando, segundo sua consciência, formação e preparo técnico, ignorando os comentários, mas procurando sempre o aperfeiçoamento físico, emocional e profissional.

Page e Page <sup>(27)</sup>, utilizando uma abordagem quantitativa denominada modelação de vários níveis com grande quantidade de dados, do campeonato inglês, entre 1994 e 2007, concluíram que:

(a) o efeito de jogar em casa difere significativamente refletindo na atuação dos árbitros de futebol

(b) essa relação é moderada pelo tamanho da multidão.

As implicações das descobertas dos autores são discutidas tanto na dimensão da pesquisa psico-sociológica, quanto na perspectiva que os árbitros deveriam ser bem selecionados, avaliados e treinados. Segundo os autores, comparando com outras pesquisas de outras áreas do conhecimento, que constataram a melhoria da performance de pessoas diante de situações em que havia assistência (público) e de baixo estresse, a pesquisa sobre os árbitros constatou justamente o oposto. Ou seja, nos jogos de futebol a grande presença de público influencia significativamente a atuação dos árbitros. Nesse sentido, a avaliação e escalação dos mesmos devem ser rigorosas para evitar situações de erros e conseqüentes conflitos entre os participantes.

No que diz respeito à literatura nacional que discute esse assunto começamos por dialogar com Moraes e Barreto <sup>(22)</sup>. Apesar de não deixarem clara a metodologia utilizada percebe-se que os autores realizaram uma pesquisa qualitativa utilizando entrevistas, pois lidam com opiniões de pessoas ligadas ao mundo do futebol, tais como jogadores, ex-árbitros e técnicos. Nas conclusões os autores resumem três tendências: (a) uma que defende o uso de tecnologia de forma ampla, para que as regras sejam mais fixas e com menos interferência do árbitro humano. Um argumento mais pautado na razão; (b) outra que defende a utilização da tecnologia somente em caso que a decisão seria uma simples questão ‘foi ou não foi’. Ainda com seguimento às regras de uma forma rígida, mas sem deixar o fluxo do jogo ser interrompido. Por isso, somente a utilização em lances de sim ou não. Esse argumento alia a razão à emoção; (c) a terceira recusa totalmente a utilização da tecnologia, pois veem o futebol por uma concepção tão larga quanto a vida, no sentido que os erros são humanos. Os defensores

dessa concepção não aceitam uma 'sanitarização' do futebol, pois acreditam que o futebol teria as mesmas 'sujeiras' que a vida tem. Esse argumento privilegia a emoção.

Depois de apresentar as tendências evidenciadas nas falas dos informantes e pesquisadores, na parte final da pesquisa, os autores concluem que o futuro está em aberto. Finalmente, apresentam a opinião da FIFA na pessoa de seu presidente, Joseph Blatter (um dos informantes da pesquisa referida), para quem

Não se passa um dia sem que a tecnologia progrida. Dessa forma, nós temos o dever de pelo menos examinar se novas tecnologias poderiam ser usadas no futebol. O [International] Board concordou em testar a tecnologia 'linha-de-gol', desde que os sistemas estejam funcionando. O ponto crítico, no entanto, é assegurar que tal tecnologia não afetará a natureza universal das regras [do jogo] nem a autoridade dos árbitros <sup>(22)</sup>.

Boschilia, Vlastuin e Marchi Jr <sup>(5)</sup> discutem a espetacularização do futebol e sua relação com a atuação dos árbitros no Brasil. No desenvolvimento do artigo os autores descrevem como historicamente o árbitro foi conquistando importância para o andamento das partidas, e hoje, assumem tal dimensão, que um erro que aconteça, pode definir uma partida. Nas conclusões do artigo os autores afirmam existir indícios de espetacularização da arbitragem, significando dizer que os árbitros sofrem com esse processo, assim como o esporte na sua dinâmica. Segundo os autores as modificações que vêm sendo realizadas não estão relacionadas a alterações na dinâmica de desenvolvimento do esporte. Essas modificações, de um modo geral procuram atender interesses midiáticos, tornando o futebol um produto mais atraente, entretanto, não conseguem dar conta de minimizar questões como a violência nos gramados e nas arquibancadas.

O Estatuto dos Torcedores é mencionado como ferramenta para atender aos espectadores sem, contudo interferirem nas condições de trabalhos dos árbitros.

Finalmente, a profissionalização da arbitragem é comentada com referência às avaliações que os árbitros devem sofrer permanentemente. Para os autores a profissionalização deve ser discutida dentro de uma perspectiva que analise a qualidade do espetáculo como um todo. Ou seja, envolvendo todos os seus agentes.

## **OBSERVANDO A REALIDADE E DIALOGANDO COM AS PESQUISAS**

Antes de estabelecermos os diálogos com as pesquisas, aqui relatadas, gostaríamos de resumir alguns pontos que consideramos fundamentais, para podermos orientar e sistematizar nossas argumentações.

1) Preferimos não partir de um referencial teórico a priori e específico. Partimos do pressuposto que deveríamos observar, fixar algumas categorias teóricas, comparar e analisar os trabalhos, para posteriormente elaborarmos reflexões, consideradas pertinentes.

2) Em todas as pesquisas ficou claro que a atuação do árbitro é fundamental para o bom desenvolvimento do jogo e isto em todos os sentidos, o que exige fortes melhorias na formação e na preparação:

(a) Precisão na marcação das jogadas, significando dizer que não devem perder detalhes, interpretação das mesmas e, sobretudo, no caráter disciplinar, coibindo violências. Todas as pesquisas, independente da metodologia e das culturas com as quais estão envolvidas, destacaram esse aspecto, como sendo uma de suas principais conclusões, e

(b) A atuação dos árbitros está diretamente relacionada com a “capacidade de ser justo” (formação ética e técnica da profissão), “condição de cobrir todo o campo” e não cometer erros derivados da incapacidade de estar próximo das ocorrências do jogo (preparação física) e ter boa comunicação com os jogadores (preparação psicológica).

3) Os árbitros estão sujeitos a várias interferências em suas atuações, enquanto profissionais. Essas interferências podem vir de dentro do campo, por jogadores e técnicos, mas também de fora de campo, por jornalistas e comentaristas especializados, que durante e após as partidas manifestam suas confortáveis opiniões, nem sempre isentas, serenas e justas. Entretanto, destacam também que um erro grave cometido por um árbitro pode desencadear uma sucessão de outros erros, problemas e descontroles em uma partida e, assim, iniciar um círculo vicioso de críticas a atuações ruins.

4) A questão do uso da tecnologia é discutida entre os árbitros e aceita por parte deles, mais ainda porque poderiam ajudar a protegê-los dos “julgamentos”, da televisão e do público. Achem, inclusive, que as transmissões televisivas hoje representam uma avaliação extremamente severa e desigual de seus desempenhos profissionais. Nesse sentido, aceitam a tecnologia somente em situações pontuais e experimentais. As pesquisas realizadas no Brasil e na Inglaterra são coincidentes, neste ponto específico, mais do que em outras realidades sócio-culturais.

5) Foi destacado, também, principalmente pela pesquisa quantitativa, que as regras necessitam de um aprimoramento no que diz respeito ao fato de poderem minimizar as violências e lesões que ocorrem em campo. Os indicadores que preocupam são os que se referem ao grande percentual de faltas graves, que sequer são assinaladas. Nesse aspecto, a comparação com outros esportes é utilizada no sentido de usar mecanismos similares de punição e prevenção da violência.

6) Quando comparamos a literatura internacional com a nacional verificamos que, apesar de utilizarem metodologias diferentes, a figura do árbitro também é quase sempre questionada na medida em que os resultados apontam a sua importância, às vezes decisiva, para o desenvolvimento da partida. No caso específico do Brasil foi até destacada a figura jurídica

do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) – Lei 10.671/2003 aperfeiçoada e promulgada, pela presidência da república, em 2011, que entre outras questões aumenta a pressão sobre a conduta dos árbitros. Essa pressão é caracterizada ao definir que “é direito do torcedor que a arbitragem das competições esportivas seja independente, imparcial, previamente remunerada e isenta de pressões” (Brasil, 2003). Nessa perspectiva, e baseado no fato de ter se sentido lesado pela arbitragem, um torcedor mineiro entrou na justiça contra o árbitro Carlos Eugênio Simon. Argumentando que o referido árbitro errou no jogo entre Atlético Mineiro-MG e Botafogo-RJ pela Copa Brasil de 2007, o torcedor/ consumidor provocou a retratação pública do árbitro, que argumentou ser o erro uma condição humana, e que não teve a intenção de prejudicar a equipe do torcedor<sup>(6)</sup>. O processo foi arquivado.

Ao observarmos as conclusões dos referidos pesquisadores, constatamos que, por exemplo, com relação à questão da inexistência de critérios uniformes para a aplicação de faltas, a pesquisa de Andersen, Engebretsen e Bahr<sup>(1)</sup> confirma o acontecido recentemente na última Copa do Mundo. O jogador brasileiro Elano, no jogo contra a equipe da Costa do Marfim sofreu falta violenta, que não foi marcada, e o jogador, lesionado, foi afastado da partida e de todos os outros jogos da competição. Ou seja, pelo fato do árbitro não ter considerado a jogada, sequer falta, a equipe e o jogador ficaram prejudicados.

Mesmo sendo uma competição em que os árbitros selecionados são os melhores dos seus respectivos países, esse tipo de erro ainda acontece e influencia decisivamente os resultados dos jogos e, mais à frente, do próprio torneio. É possível considerarmos que numa competição de longa duração, como os campeonatos nacionais, esses erros potencializem as reações gerando eventuais violências, principalmente às circunscritas às quatro linhas. Além disso, sabemos que em alguns jogos existe o ‘rodízio de faltas’ comportamento esse, orientado ou não, que evita que apenas um jogador receba penalização por cometer muitas faltas e acabar por ser expulso. Esse fato ocorre porque os jogadores ‘sabem’ que, de um modo geral, os árbitros fazem “vistas grossas” para a alternância de faltas praticadas por uma mesma equipe.

No caso específico deste jogo entre Brasil e Costa do Marfim devemos lembrar que, mesmo sendo uma competição de curta duração, o clima da partida pode ter sido influenciado pelos erros do árbitro, tanto contra como a favor do Brasil. É importante lembrar que foi nesse jogo que o Brasil assinalou um gol em que o nosso jogador Luiz Fabiano, tocou duas vezes com a mão na bola, no momento de definição do lance e o árbitro deixou a jogada seguir, mesmo com a reclamação dos jogadores da Costa do Marfim. Seria a tal “compensação” que muito se comenta, quando um árbitro tenta compensar um erro cometido anteriormente, e acaba por favorecer uma equipe, mesmo cometendo um outro erro?

Além disso, a necessidade de vitória por parte de ambas as equipes aumentou a tensão em campo, provocando jogadas violentas. Finalmente, lembramos que nesse jogo o jogador brasileiro Kaká foi expulso após uma jogada polêmica, que provocou surpresa nos assistentes, pois o jogador nunca se caracterizou como um jogador violento.

Sobre as outras duas pesquisas Friman, Nyberg e Norlander <sup>(15)</sup> e Lane, Nevill, Ahmad, e Balmer <sup>(18)</sup> os resultados encontrados apontam para a mesma preocupação mencionada anteriormente, os campeonatos nacionais que envolvem grandes rivalidades que atingem a figura dos árbitros direta e indiretamente. Se considerarmos algumas sociedades, só para efeito de reflexões, como Brasil, Portugal, Argentina, Espanha, Inglaterra entre outras, podemos pensar que as rivalidades entre os grandes clubes – que, às vezes, chegam até às questões históricas de cada país, como é o caso entre o Barcelona, na Catalunha, e do Atlético de Bilbao no país Basco – representam grande foco de produção de tensão, de uma tensão prévia e maior do que o jogo, com relação à figura dos mediadores das partidas.

### **AS RIVALIDADES E MAIS POLÊMICAS NO MUNDIAL DE 2010**

No Mundial de 2010 essa situação foi confirmada.

Por exemplo, no último jogo das Oitavas de Finais da Copa do Mundo de 2010, Inglaterra e Alemanha se encontraram, e a lembrança de 1966, quando a Inglaterra ganhou com um gol validado, mas altamente discutido, poderia ficar somente na lembrança, mas não ficou.

Durante o jogo a bola chutada por Lampard, da Inglaterra, ultrapassou a linha do gol, mas o árbitro e o assistente não consideraram gol. Esse fato aconteceu na partida que estava em jogo a classificação da Inglaterra, que com aquele gol empataria a partida e poderia alcançar a vitória. Aliás, o fato se tornou extremamente emblemático porque alguns locutores transmitiram o lance como se fosse efetivamente gol, tão clara foi a evidência de quanto a bola ultrapassou a linha do gol. Imediatamente após tiveram que voltar atrás nas informações e, surpresos, disseram que o árbitro não validou o gol. Na seqüência das imagens nas TVs, em câmera lenta, os telões do estádio mostravam o jogador Lampard, da Inglaterra, abrindo os braços e mostrando uma expressão de total surpresa com a marcação do árbitro.

No caso acima citado, seria o exemplo que as pesquisas mencionam que os árbitros aceitariam a paralisação do jogo para uma consulta à tecnologia. É importante reiterar, no momento do jogo a Inglaterra apresentava uma forma de jogar que tendia ao empate – que teria sido conseguido caso o gol tivesse sido validado – e, portanto uma total indefinição da partida.

Ainda discutindo a questão das rivalidades, o outro caso ocorreu no jogo entre Argentina e México, no qual o jogador da Argentina, em claro impedimento, marcou um gol que foi validado pela arbitragem. Nesse caso o jogo ainda estava empatado em 0 x 0 e o desenvolvimento da partida poderia ter sido outro, diferente da vitória de 3 x 1 alcançada pela Argentina. Também é importante ressaltar nesse lance que, a surpresa dos jogadores mexicanos é que o autor do gol estava totalmente sozinho diante do goleiro mexicano, situação essa que caracteriza impedimento.

As manchetes dos jornais e os comentários dos jornalistas especializados foram todas numa dimensão de espanto quanto à gravidade dos erros. A manchete do Caderno de esportes estampava “Só a FIFA não viu” e as fotos dos lances capitais. Já a manchete interna da notícia do jornal foi “Os velhos fantasmas da FIFA”<sup>(28)</sup> referindo-se ao fato que a instituição que regula e coordena as grandes competições internacionais ainda não conseguiu encontrar uma saída para os erros das arbitragens e, dessa forma, reativa o debate do uso de tecnologia para mediar questões do futebol. Dentro dessa mesma reportagem são relacionados outros erros: o gol do Brasil contra a Costa do Marfim quando o atleta brasileiro tocou duas vezes a mão na bola, um gol que foi anulado erradamente, no jogo contra a Eslovênia e que daria a vitória aos EUA, e, outro gol também anulado erradamente contra os EUA no jogo EUA X Argélia. Finalmente no jogo México 2 x 0 França o árbitro validou erradamente o primeiro gol da equipe mexicana.

Sobre a questão das pesquisas que sugerem o aprimoramento das regras<sup>(1)</sup> no sentido de serem estabelecidas novas que punam os jogadores violentos durante a partida, um exemplo que pode ser destacado na Copa do Mundo foi a final entre Holanda e Espanha que foi considerado pela mídia de um modo geral como muito violento, principalmente pelos jogadores holandeses.

Na observação do jogo e na leitura dos jornais ficou claro o comportamento dos jogadores e a reação do árbitro da partida, que aplicou nove cartões amarelos nos jogadores holandeses e um vermelho. O título da manchete interna do jornal retrata muito do que ocorreu durante o jogo: “Laranja espremida pela própria violência”<sup>(19)</sup>, e no sub-título da manchete os comentários relatam que, após o jogo, durante a coletiva de imprensa os jogadores holandeses e o técnico da equipe foram duramente criticados pela violência que imprimiram ao jogo. Na seqüência da notícia os comentários relatam que o técnico tentou desconversar sobre a questão da violência apontando para a qualidade do time da Espanha. Finalmente, nos comentários sobre a arbitragem, a avaliação sobre o árbitro foi que apesar de ter aplicado nove cartões amarelos e um vermelho, a arbitragem foi confusa e destacam uma falta violentíssima do jogador da Holanda – a jogada foi disputada no alto e o jogador da Holanda acertou com a sola do pé no peito o jogador Espanhol – que somente resultou em cartão amarelo. A velha questão dos critérios disciplinares.

Considerando o atual estado das regras e o desenvolvimento do futebol na dimensão das regras, podemos argumentar que o árbitro da partida só teve como opção aplicar seguidamente os cartões amarelos. Não podemos aqui nos esquecer do conceito de dinâmica do jogo e da dinâmica específica do futebol. Se houvesse a possibilidade de, por exemplo, excluir dois jogadores da equipe momentaneamente mais violenta, será que o resultado da partida teria sido o mesmo? Mesmo que não houvesse uma mudança imediata de resultado da partida, será que os jogadores insistiriam em comportamentos violentos? O que se questiona na falta da alternativa no estado atual das regras é que não existem opções

para que o árbitro interfira no jogo que se mostra violento. Na atual dinâmica o árbitro fica imobilizado e é fortemente criticado. A não ser que, como já aponta a pesquisa de Santos <sup>(31)</sup>, o árbitro expulse muitos jogadores comprometendo até a continuação do jogo.

Na leitura dos comentários das notícias da final da Copa o que se infere é que um time tentou jogar futebol, e acabou vencendo pela prevalência da técnica. O outro tentou impedir o jogo com muitas faltas e empurrou o jogo para a decisão nos pênaltis. Por isso, a metáfora "Laranja espremida pela própria violência", já citada anteriormente.

Posteriormente ao término da Copa do Mundo de 2010 a FIFA puniu as duas equipes com multas pela prática do jogo violento. Além disso, comparando com outras finais anteriormente realizadas o número de cartões amarelos foi altíssimo <sup>(12)</sup> e um cartão vermelho. Foi considerada a final mais violenta da história das copas. Apesar de a punição financeira existir, sabemos que o efeito é meramente simbólico, porque comparativamente, enquanto a punição foi de 10000 francos suíços contra a Espanha e 15000 francos suíços contra a Holanda, as equipes receberam como prêmio, por chegarem ao final da competição, respectivamente 24 milhões de dólares e 30 milhões de dólares.

## **CONCLUSÕES**

---

Inúmeras são as práticas de violência que acontecem no universo do futebol profissional, dentro e fora dos estádios. Aquelas ocorrências no espaço retangular das "quatro linhas", entre os atletas do alto rendimento, têm sido objeto de investigação e conclusão, em diferentes realidades sociais e culturais.

1) Tentando responder às questões formuladas para orientar o presente trabalho, os dados encontrados na literatura analisada, quando comparados com as competições descritas no trabalho, nos permitem afirmar que a principal tensão no campo de jogo ainda se concentra nos erros da arbitragem, sejam eles pela aplicação de critérios discrepantes, tanto em competições nacionais quanto internacionais. Erros de arbitragem, inclusive, devido às dificuldades dos árbitros de acompanharem tudo aquilo que ocorre durante as partidas, seja por falta de preparo técnico, físico ou psicológico.

2) Como consequência, respondendo à segunda pergunta, os erros apontados pelas pesquisas nos sugerem que os mesmos apresentam características mais universais. Ou seja, tanto ocorrem em competições nacionais, como por exemplo, o campeonato norueguês, como em competições internacionais como a recente Copa do Mundo de 2010. Essa constatação é importante na medida em que, como relatamos no início do trabalho, existem poucos pesquisadores debruçados sobre essa temática, no universo lusófono, fato esse que nos intriga visto que, pela dimensão social e identitária, Portugal e Brasil têm uma cultura futebolística rica e que é discutida exaustivamente na mídia e nas universidades. Ou seja, existe um



fenômeno que é de importância para os atores envolvidos na perpetuação do esporte, mas no item aqui investigado, a academia — os autores brasileiros e portugueses — está um pouco afastada deixando a desejar, e, como consequência deixando de produzir reflexões mais agudas sobre fenômeno. Mais ainda: a investigação científica, acadêmica assim parece esquecer uma área fértil de intervenção social e reconhecimento coletivo.

3) Podemos afirmar que as pesquisas sugerem que a questão da utilização do recurso à tecnologia deva ser discutida, da forma como Morais e Barreto <sup>(22)</sup> discutem em seu artigo. Alternativas a modelos de arbitragem também devem ser questionadas, como, por exemplo, a utilização de mais um árbitro em campo para poder precisar mais detalhes, evitando, o tipo de erro que prejudicou a Inglaterra. É importante destacarmos que atualmente — estamos falando das competições que ocorrem em 2011 — tanto na Europa como no Brasil, os organizadores das competições já estão colocando outro árbitro, lateralmente às áreas de gol, para dirimir dúvidas que surjam em lances mais difíceis de serem assinalados. Também é importante ressaltar que essas discussões sobre o aprimoramento das regras em lances polêmicos, se configuram como uma tentativa de minimização dos erros. Não significa dizer que ocorrerá ausência total dos mesmos, mas pelo menos uma mudança significativa no desenvolvimento histórico e sociológico do esporte.

4) É possível inferir que as pesquisas apontam para a busca de uma metodologia híbrida que mescle a abordagem quantitativa com a qualitativa no sentido de minimizar interpretações irreais. Essas pesquisas se tornam mais importantes na medida em que em alguns periódicos especializados sequer encontramos publicações que discutam a arbitragem. Esse é o caso da *International Review for Sociology of Sport*. Em periódicos nacionais essa temática também é negligenciada. Apesar de mencionado somente em uma das pesquisas <sup>(1)</sup> e até de forma vaga, a questão do risco deve merecer uma atenção especial no futuro nas pesquisas, visto que aparenta ser uma dimensão preocupante para os pesquisadores e certamente para praticantes, os jogadores profissionais.

5) Observando os pesquisadores/ pesquisas, é interessante ressaltar que grande maioria dessas investigações foi realizada por estudiosos que têm um perfil da área socioantropológica. Entretanto, uma das pesquisas que forneceu mais detalhes para nossas reflexões foi realizada por médicos do *Oslo Sports Trauma Research Center* e apresentou uma abordagem quantitativa muito forte, mas que fornece muitos indicadores para interpretações qualitativas. É importante destacar que todas as pesquisas estão relacionadas com a realidade observada tanto em competições internacionais como nacionais. Se considerarmos desde o aparecimento da figura do árbitro em 1868, como nos lembram Boschilia, Vlastuin e Marchi Jr <sup>(6)</sup> até os dias de hoje, podemos afirmar que o desenvolvimento do papel dos mesmos evoluiu muito, mas não o suficiente para minimizar que acontecimentos de violência como o relatado no início, e, outros ao longo do artigo, ainda aconteçam. Nesse sentido,

e agora sim utilizando um referencial teórico para enriquecermos nossas argumentações, podemos dizer que a abordagem civilizacional de Elias e Dunning <sup>(13)</sup> ainda nos ajuda e fortalece para refletirmos sobre o desenvolvimento do futebol, principalmente em relação à dinâmica de sua arbitragem.

6) As observações sistemáticas e assistemáticas realizadas em 2011 nos campeonatos regionais do Rio de Janeiro e São Paulo, assim como nas competições europeias seja da Copa UEFA ou da Liga dos Campeões nos indicam que a utilização de dois árbitros auxiliares atrás dos gols — certamente uma ajuda em decisões polêmicas, como as relatadas aqui no artigo — apontam para uma tendência de disputa de poder, entre as federações e ligas, contra a hegemonia da FIFA e a *International Board*, em manterem as arbitragens da forma tradicional como se encontram nesse momento.

7) Finalmente, mesmo considerando que a construção científica é extremamente dinâmica e deve ser flexível para alcançarmos novos patamares do saber, gostaríamos que a metodologia e as reflexões teóricas aqui utilizadas servissem para aprofundar novas interpretações mais globais desse representativo evento da “cultura das multidões” <sup>(23)</sup>.

1. Andersen TR, Engebretsen L, Bahr R (2004). Rule violations as a cause of injuries in Male Norwegian Professional Football. Are the referees doing their job? *The American Journal of Sports Medicine*, 32 (1 Suppl): 62S-68S.
2. Baldwin C (2008). *The ref cast us a game: The role of sports commentators and journalists in creating stress on sports referees*. ANZCA08: Power and Place: Refereed Proceedings. Wellington.
3. Betti M (1997). *Violência em campo*. Ijuí: Editora Unijuí.
4. *Blatter quer dar um basta na violência* (2008). O Globo, 8 de mar. Caderno de Esportes/Editoria de Esportes, 52.
5. Boschilia B, Vlastuin J, Marchi JR W (2008). Implicações da espetacularização do esporte na atuação dos árbitros. *Rev Bras Ciên Esporte*, 30 (1): 57-73.
6. Buford B (1992). *Entre os vândalos. A multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das Letras.
7. Tarian C (2011). *Com 12 amarelos e um vermelho, final é a mais violenta da história*. <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa/2010/noticias> acessado em 11/02/2011.
8. *FIFA multa Espanha e Holanda por jogo violento na Final da Copa* (2011). <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte> acessado em 11/02/2011.
9. Costa AS (1989). Futebol e violência: o caso do hooliganismo. *Revista Vértice*, Porto.
10. Costa AS (1989). Futebol de competição: uma nova religião popular. *Revista Vértice*, Porto.
11. Dougan A (2001). *Futebol & Guerra*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
12. Dunning E (2002). *Fighting fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon*. Dublin: University College Dublin Press.
13. Elias N, Dunning E (1992) *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
14. Foer F (2004). *Como o futebol explica o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
15. Friman M, Nyberg C, Norlander T (2004). Threats and Agression Directed at Soccer Referees: An Empirical Phenomenological Psychological Study. *The Qualitative Report*, 9(4): 652-672
16. Giulianotti R, Bonney N, Hepworth M (1994). *Football, violence and social identity*. London: Routledge.
17. Giulianotti R (2002). *Sociologia do futebol*. São Paulo: Ed. Nova Alexandria.
18. Lane MA, Nevill AM, Ahmad NS, Balmer N (2006). Soccer Referee Decision-making: Shall I Blow the Whistle? *J of Sports Sci & Med*, 5(2): 243-253.
19. *Laranja espremida pela própria violência* (2010). O Globo do dia 12 de jun. Caderno de Esportes, p.5.
20. Mason L, Lowell G (2000). Attitudes, Expectations and Demands of English Premier League Football Association Referees. *Football Studies*, 3(2): 88-102
21. Monteiro RA (2003). *Torcer, lutar, ao inimigo mas-sacrar: Raça Rubro-Negra*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
22. Moraes JV, Barreto TV (2008). As regras do futebol e o uso de tecnologias de monitoramento. *Estudos de Sociologia. UFPE. Recife*, 14 (2):1-9.
23. Murad M (2007). *A violência no futebol. Dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
24. Murphy P, Williams J, Dunning E (1994). *Futebol no banco dos réus*. Oeiras: Celta Editora.
25. *O Match que Bangu e Fluminense ficaram devendo à cidade* (1952). *Jornal dos Esportes/ Editoria de Esportes*, 15 de janeiro.
26. Bloemfontein. *Os velhos fantasmas da FIFA* (2010). "O Globo" do dia 28 de jun. Caderno de Esportes, p.7.
27. Page K, Page L (2010) Alone against the crowd: Individual differences in referee's ability to cope under pressure. *Journal of Economic Psychology*, 31(2): 192-199.
28. Pato AS, González MJM (2011) *Violencia Y Deporte. La dialéctica de los âmbitos intercondicionantes*. Wanceulen Editorial Deportiva.
29. Reis HHB (2006). *Futebol e violência*. Campinas: Autores Associados.
30. Santos RF (1990). *Educação, Desporto e Violência no Futebol*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense.
31. Santos RF (1996). *A violência no futebol português: uma interpretação sociológica a partir da concepção teórica de processo civilizacional*. Tese de Doutorado. FCDEF-UP.

32. Santos TC (2004). *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas*. São Paulo: Annablume.
33. Simmons P (2008) *Justice , Culture and Football Referee Communication*. Charles Sturt University. Final Report to FIFA/CIES Scientific Committee.
34. Silva CAF, Votre SJ (2006). *Racismo no futebol*. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora.
35. Toledo LH (1996). *Torcidas Organizadas*. Campinas: Editores Associados.